

MANUEL CORREIA DE ANDRADE: UM INTELLECTUAL NA GEOGRAFIA

MANUEL CORREIA DE ANDRADE: AN INTELLECTUAL IN GEOGRAPHY

MANUEL CORREIA DE ANDRADE: UN INTELLECTUAL EN GEOGRAFÍA

// RESUMO

AUTOR

- ¹ José Borzacchiello da Silva 
² Alessandra Maria Vieira Muniz 
³ Gustavo Godinho Benedito

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

- ^{1,2} UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
³ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

E-MAIL

BORZAJOSE@GMAIL.COM
GEOALEXSANDRAUFC@GMAIL.COM
GUSTAVOGODINHO@MSN.COM

DATA DE SUBMISSÃO: 24/07/25

DATA DE APROVAÇÃO: 11/12/25

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2025.93103



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO
DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA
CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE
PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO
PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO
DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB
A MESMA LICENÇA.

O presente artigo objetiva apresentar uma homenagem ao geógrafo Manuel Correia de Oliveira Andrade a partir da identificação e análise de aspectos centrais de sua obra, relacionando-os à sua trajetória intelectual e política. A partir de documentos, artigos e livros, buscou-se estabelecer um escrutínio de sua importância para a Geografia em quatro partes principais: o homem e o profissional, a AGB – um ponto de encontros, o reconhecimento e a permanência de suas formulações: outras leituras da região Nordeste e um pensador comprometido com a transformação social e com a sustentabilidade. A partir de tais aspectos, considera-se que suas experiências pessoais e profissionais se entrecruzam na consolidação de uma abordagem geográfica que articula os estudos regionais a processos geopolíticos em outras escalas, assim como articula tais aspectos ao entendimento dos processos de dominação territorial e de ampliação de desigualdades no Brasil em relação ao mundo.

Palavras-chave: geografia; homenagem; Manuel Andrade; trajetória intelectual; política.

// ABSTRACT

This article aims to pay tribute to geographer Manuel Correia de Oliveira Andrade by identifying and analyzing central aspects of his work, relating them to his intellectual and political trajectory. Based on documents, articles and books, we sought to establish an examination of his importance for Geography in four main parts: the man and the professional, the AGB – a meeting point, the recognition and permanence of his formulations: other readings of the Northeast region and a thinker committed to social transformation and sustainability. Based on these aspects, we consider that his personal and professional experiences intersect in the consolidation of a geographical approach that articulates regional studies with geopolitical processes on other scales, as well as articulates these aspects with the understanding of the processes of territorial domination and the expansion of inequalities in Brazil in relation to the world.

Keywords: geography; tribute; Manuel Andrade; intellectual trajectory; politics.

// RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar un homenaje al geógrafo Manuel Correia de Oliveira Andrade a partir de la identificación y análisis de aspectos centrales de su obra, relacionándolos con su trayectoria intelectual y política. A partir de documentos, artículos y libros, buscamos establecer un escrutinio de su importancia para la Geografía en cuatro grandes partes: el hombre y el profesional, la AGB – punto de encuentro, el reconocimiento y permanencia de sus formulaciones: otras lecturas de la región Nordeste y un pensador comprometido con la transformación social y la sostenibilidad. A partir de estos aspectos, se considera que sus experiencias personales y profesionales se entrelazan en la consolidación de un enfoque geográfico que articula los estudios regionales con procesos geopolíticos en otras escalas, además de articular tales aspectos con la comprensión de los procesos de dominación territorial y la expansión de las desigualdades en Brasil en relación al mundo.

Palabra Clave: geografía; homenaje; Manuel Andrade; trayectoria intelectual; política.

INTRODUÇÃO

Manuel Correia de Oliveira Andrade, mais conhecido como Manuel Correia, nasceu em 1922¹, ano em que se comemorava o centenário da Independência do Brasil, ano também em que acontecia a Semana de Arte Moderna no Brasil, espécie de um grito de liberdade e de autonomia para as letras e artes do país. Ainda criança atravessou período turbulento da conhecida Revolução Constitucionalista de 1932, um confronto armado entre forças paulistas contra o governo de Getúlio Vargas, que tinha assumido o poder por meio da Revolução de 1930. Esses fatos são vistos por vários intérpretes do Brasil, como marcos expressivos do ingresso do país na modernidade. Manuel Correia viveu esse período turbulento de mudanças. Não é mera coincidência. O menino Manuel, nascido e crescido num engenho, transfere-se para um ambiente que se transformava rapidamente - a cidade do Recife. Esse processo marca também a passagem paulatina do Brasil rural para o Brasil urbano, o que fica comprovado com a dinâmica e efervescência da cidade do Recife, já incluída entre as mais importantes do país.

Ainda criança, Manuel Correia vivia sob a égide do governo de Getúlio Vargas e, em pleno viço de sua juventude, vivencia o governo de exceção do Estado Novo. Aos dezessete anos, acompanha os acontecimentos do conturbado contexto político internacional, marcado pelo início da Segunda Guerra Mundial. O menino amadurece rápido. Suas convicções políticas e a filiação ao Partido Comunista Brasileiro o conduzem a experiências negativas como as da prisão - a primeira ocorrida em 1944, ainda muito jovem, com apenas 22 anos de idade. Foi processado pelo Tribunal de Segurança Nacional. Sai da prisão em 1945, quando foi anistiado em função de decreto do presidente Getúlio Vargas. Vinte anos mais tarde, em 1964, já maduro e experiente, enfrenta as primeiras investidas do golpe militar, instaurado em 31 de março, daquele ano. Nessa conjuntura, Manuel Correia experimenta, mais uma vez, os dissabores da prisão. A motivação de seu encarceramento decorreu de sua participação no governo de Miguel Arraes,

¹ Nasceu no Engenho Jundiá, em Vicência, cidade da Zona da Mata Norte pernambucana.

em Pernambuco². Sua vida foi bem agitada no início da carreira e seu histórico revela a importância de sua militância, comprovação de seu compromisso social. Calmo e seguro, expunha seus argumentos com enorme capacidade de convencimento. E assim foi desempenhando diferentes papéis proeminentes e fundamentais na construção desse professor extraordinário. Referindo-se à sua trajetória, Manuel Correia³ afirma que:

Os anos de 1950 foram bastante favoráveis ao desenvolvimento dos estudos geográficos em Pernambuco, devido à implantação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, inicialmente como faculdades particulares, a exemplo das Dorotéias, em 1939, e a dos Jesuítas, em 1943, seguidas, em 1950, da Faculdade Oficial, estadual. Com elas, criava-se, também, na então Universidade do Recife, atual Federal de Pernambuco, uma faculdade, não confessional. E foi aí que os professores Gilberto Osório de Andrade, titular da área da Geografia Física, e Mário Lacerda de Mello, da área de Geografia Humana, passaram a complementar o ensino em sala de aula, com os trabalhos de pesquisa de campo. Nesses trabalhos, contaram com a colaboração de seus assistentes, Manuel Correia de Andrade e Hilton Sette.

Seu aperfeiçoamento se refletia na sua qualificação e desempenho profissional. O mestre já reunia anos de vivência no magistério. Sua simplicidade e vontade de aprender cada vez mais, ficam evidentes quando falava da experiência adquirida quando de sua participação no Congresso Internacional de Geografia, realizado no Rio de Janeiro, em 1956, sob os auspícios da UGI – União Geográfica Internacional: ⁴

Para mim foi também muito marcante. Em primeiro lugar porque lá apresentei o meu primeiro trabalho em um Congresso Internacional - A "ria" do Formoso na Costa Sul de Pernambuco, e segundo porque me pus em contacto com as maiores figuras da Geografia mundial, cujos livros eu manuseava e utilizava nos meus cursos e, ainda em terceiro, porque ao concluir o Congresso foi realizado na então Universidade do Brasil um Curso de Altos Estudos Geográficos de que fui aluno. Este curso foi planejado e dirigido pelo Prof. Hilgard Stenberg tendo como assistente a Professora Maria do Carmo Galvão. Foi ministrado por sete mestres estrangeiros para quarenta estudantes brasileiros, todos, professores universitários. Este curso foi ministrado pelo Prof. Orlando Ribeiro, da Universidade de Lisboa, que deu um curso sobre Geografia da Expansão Portuguesa no Mundo, por Karl Troll, da Universidade de Bonn que deu curso sobre "Biogeografia da America Latina" ; por E. Rainz, que deu curso sobre Cartografia e pelos professores franceses, todos da Universidade de Paris, Pierre Monbeig com um curso de "Geografia Agrária do Mundo Tropical", Pierre Deffontaines com "Geografia da Pecuária na America do Sul"; Pierre Birot com "Geomorfologia do Cristalino" e A. Cailleux com "Sedimentologia". Eu era assistente da cadeira de Geografia Física, na então

² Miguel Arraes elegeu-se governador em 1962.

³ ANDRADE, M. C. de. (2007) A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco, IN: Rev. bras. Ci. Soc. 22 (65) • Out 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/XqQppDv7C8r3MTQ7bWpbRpJ/?lang=pt>, Acesso em 20.07.2022

⁴GEOSUL, n9 12/13 – Ano VI – 2º. sem. 1991 e 1º.sem.1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12793/11977> , Acesso em 25.07.2022, p. 133

Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco, trabalhando com o Professor Gilberto Osório de Andrade.

Essas passagens de sua vida firmaram suas convicções políticas e seu aprimoramento geográfico, com o passar do tempo, Manuel Correia alcança inigualável maturidade científica, que associada à sua humanidade, reforçam sua liderança nacional no restrito quadro de intelectuais brasileiros.

O HOMEM E O PROFISSIONAL

Além de ter cursado Direito e se formado em Geografia e História, a prática no magistério fizeram de Manuel Correia um profissional competente e comprometido com a produção científica. Em torno de sua obra e de suas posturas política e acadêmica, seu nome ganhava fama e assim, sucessivamente, o mestre consolidava seu prestígio pedagógico e científico, num nicho nacional de difícil acesso.

Manuel Correia ingressou e impulsionou a Geografia em momento extremamente dinâmico da sociedade brasileira. A organização e sistematização da geografia no país por sua vez, se consolidavam com forte apoio oficial. A criação do IBGE em 1937 garantiu papel relevante na ancoragem da disciplina. A necessidade de aplicação da geografia no reconhecimento, descrição e mapeamento do território brasileiro foi basilar para o desenvolvimento da disciplina entre nós. É bem verdade que, poucos anos antes, o saber geográfico se instituía no Brasil de forma sistemática com a criação do curso acadêmico de geografia na Universidade de São Paulo, em 1934 e em 1936, no Rio de Janeiro. Data também dessa época (1934), a criação da AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, de importância ímpar na produção, divulgação e consolidação deste saber científico no país. Essa conjuntura amplia a capacidade profissional de Manuel Correia que viajava, conhecendo outros profissionais da geografia, participando de eventos científicos. A propósito, acerca de sua participação na Reunião da AGB de 1954,

realizada em Ribeirão Preto, Manuel Correia dizia que essa foi uma “Reunião marcante, do ponto de vista psicológico porque foi a primeira reunião nacional da AGB de que participei”⁵.

A AGB – UM PONTO DE ENCONTROS

A partir desse evento, seu envolvimento com a AGB tomou corpo. À medida que ampliava sua participação, seu nome tornava-se conhecido e reconhecido nacionalmente. Além de sua experiência adquirida na militância política e no magistério, somava-se a contínua produção de livros e textos. Esse acúmulo de qualidades ecoou no 3º. Encontro Nacional de Geógrafos, acontecido em Fortaleza em 1978, sob a organização da AGB. Trata-se de um evento tido como um divisor de águas na geografia brasileira. O contexto propiciava manifestações. Vivíamos o momento da “abertura política lenta e gradual”. Fato marcante dessa conjuntura nacional foi a anistia de exilados políticos. Manuel Correia assimilou com sabedoria o que acontecia num Encontro que deveria ser importante, porém, sucessivo, como os demais que o antecederam. Com argúcia e tenacidade atenuou os conflitos que indicavam novos rumos para a geografia brasileira, carente até aquele evento, de maior participação dos sócios no processo decisório que definia as ações da entidade.

A partir de 1978, a AGB já não era a mesma entidade quanto à sua estrutura e funcionamento. Sabe-se que o olhar geográfico não é puro nem ingênuo. Trata-se de leituras, interpretações e análises elaboradas por profissionais sejam professores ou técnicos, com diferentes pontos de vista. Essa divergência foi bem assimilada por Capel (1999)⁶ quando afirma que “as estratégias das comunidades científicas podem ser detectadas através da produção *científica* de seus membros...no interior da comunidade existe uma verdadeira luta pelo prestígio e pelo poder”.

⁵ GEOSUL, n9 12/13 - Ano VI - 2º. sem. 1991 e 1º.sem.1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12793/11977> Acesso em 25.07.2022, p. 131

⁶ CAPEL SAEZ, Horácio, O nascimento da ciência moderna e a América, Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá, 1999; p. 28 e 29.

Manuel Correia, com sua sagacidade assimilava tudo o que acontecia naquele evento em Fortaleza e percebia estar diante de um processo carregado do desejo de mudanças.

O RECONHECIMENTO E A PERMANÊNCIA DE SUAS FORMULAÇÕES - OUTRAS LEITURAS DA REGIÃO NORDESTE

Seu reconhecimento nacional se expressa em diferentes opiniões. Medeiros (2009)⁷ referindo-se ao livro mais conhecido de Manuel Correia, *A Terra e o Homem no Nordeste*, assim se coloca:

É um marco na Geografia Agrária brasileira, pois traz para o debate geográfico questões relativas à propriedade da terra, às relações de trabalho, às condições de trabalho e de vida dos trabalhadores rurais, às intervenções e às ações políticas. Nesta obra, de forte impacto político, a questão agrária brasileira é despida de suas vestes falsas para ser vista de forma clara e transparente.

Interessante considerar as observações feitas por Vesentini (2012)⁸ sobre as diferentes leituras de Nordeste quando afirma:

Existem, a nosso ver pelo menos três compreensões bastante distintas sobre o Nordeste brasileiro. Para efeitos de simplificação, podemos designar a primeira delas como tradicional ou lablacheana; a segunda como moderna e a terceira como pós-moderna. As duas primeiras sem nenhuma dúvida são materialistas ou realistas, e a terceira pode ser considerada como idealista. Entretanto, estes rótulos – tradicional, moderno e pós-moderno – são apenas classificações cômodas e provisórias, além de questionáveis – sem dúvida que outras poderiam ter sido escolhidas –, que não devem implicar em maior ou menor valorização desta ou daquela concepção regional.

Manuel conhecia profundamente a região Nordeste e revelou-se um de seus principais intérpretes. Dentre as várias leituras da Região o livro "*Casa Grande e Senzala*", de autoria de

⁷ MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Manuel Correia de Andrade e a questão agrária Brasileira, Scripta Nova, Barcelona, Vol. XIII, núm. 288, 15 de abril de 2009.

⁸ VESENTINI, José William, « O conceito de região em três registros. Exemplificando com o Nordeste brasileiro », *Confins* [En ligne], 14 | 2012, mis en ligne le 19 mars 2012, disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/7377>, acesso em 10 de setembro de 2023.

Gilberto Freyre, lançado em 1933, privilegia o Nordeste açucareiro, onde vicejava a lavoura da cana-de-açúcar e todo o modo de vida pertinente a uma sociedade escravocrata.

A essa porção da região Nordeste, Manuel Correia atribui o nome de Região da Mata e do Litoral Oriental, ou seja, uma sub-região. Já o cearense Djacir Lima Menezes, interpreta o Nordeste a partir do Sertão. Seu livro "O outro Nordeste: formação social do Nordeste pastoril" foi publicado em 1937, pela livraria José Olympio. Manuel Correia na sua tarefa de melhor decompor a Região, também atribui a essa porção do território, a denominação de Sertão e litoral Setentrional, onde ele discute o latifúndio, a divisão da propriedade e as relações de trabalho. Analisa a formação territorial sertaneja a partir da criação de gado.

À faixa intermediária entre a Zona da Mata e o Sertão, Manuel Correia denominou de Agreste dizendo que está "profundamente ligado ao planalto da Borborema, ocupando sempre a sua porção Leste, ao mesmo tempo em que avança para o Nordeste no Rio Grande do Norte e para o Sul, em Alagoas⁹".

No livro *A Terra e o Homem no Nordeste*, Manuel Correia, a partir de seus estudos denominou de Meio Norte e Guiana Maranhense o território correspondente aos estados do Piauí e do Maranhão, dedicando-se a interpretar essa porção que ele chama de faixa de transição entre o Nordeste e a região Norte.

"*A Terra e o Homem no Nordeste*", tornou-se um clássico da geografia brasileira. Andrade do ponto de vista da sua vivência, valorizou os saberes vindos da prática, do cotidiano e do modo de vida da população trabalhadora, que estão no cerne da sua pesquisa e interpretação. Nesta obra apresenta uma análise profunda da formação territorial do Nordeste, abordando: os diferentes ciclos econômicos que marcaram a região, desde a cana-de-açúcar até a pecuária; o conhecimento sobre relações de trabalho, formas de produção e relações de poder entre proprietários e os trabalhadores rurais; os impactos da seca e as políticas públicas para a região.

Manuel Correia discute detalhadamente o Nordeste, visto como região problema. Sua obra permeia toda a sua vida. Perspicaz e arguto insere em suas análises os conceitos basilares da

⁹ ANDRADE, M.C. de (1980) *A Terra e o Homem no Nordeste*, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, p. 21.

Geografia, especialmente, os capazes de explicar e responder muitos de seus questionamentos. Manuel Correia não se dobrou a tentação de partir para o Sul. Fez do Recife sua trincheira. Vivenciou, desde a Infância, em seu ambiente doméstico, entre os membros de uma família numerosa e os serviçais e empregados, as grandes contradições sociais do País e, especialmente, as do Nordeste. De suas vivências, a constante busca de explicações e elaboração de novas propostas, Manuel era inquieto, provocativo. Tinha interesse por todos os assuntos, queria saber a origem dos fatos, buscava explicações. Viveu para a família e para o trabalho. Tinha um temperamento maravilhoso, um humor especial. Jamais o vi aborrecido, mesmo diante de situações embaraçosas. Sabia conviver com as diferenças. Respeitava e valorizava a produção de seus pares, de seus alunos, sem perder a capacidade crítica. Sua carreira profissional foi centrada na UFPE, onde criou o Programa de Pós-Graduação em Geografia, embora tenha dedicado anos de pesquisa à Fundação Joaquim Nabuco e colaborado na consolidação da SUDENE como órgão produtor de pesquisa e de conhecimento sobre o Nordeste.

A Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE é instituída em 1959 para executar os planos do GTDN. A intervenção Estatal no Nordeste, inicialmente, se deu com a criação em 1952 do Banco do Nordeste do Brasil - BNB e em 1956 de um Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste – o GTDN, liderado por Celso Furtado.

Conforme Andrade (1993:38), o GTDN

diagnosticou as causas do subdesenvolvimento regional, baseado na falta de obras de infraestrutura, na necessidade de uma modernização agrícola que modificasse o caráter monocultor, com a implantação de propriedades familiares e policultoras, [...] no desenvolvimento industrial que oferecendo empregos, sustasse o movimento migratório...

Diante desse diagnóstico, o GTDN teve como proposta, a industrialização como fator dinamizador do desenvolvimento do Nordeste, considerada como a grande indutora da modernização, passando a ser vista como a solução para absorver o contingente de mão-de-obra, além de promover uma consequente integração nacional.

Segundo Andrade (1993, p.38), “a Sudene nasceu da política desenvolvimentista do Governo Kubitschek, quando se procurava objetivar o crescimento econômico do país, de forma acelerada, com a integração das áreas consideradas periféricas ao núcleo mais dinâmico”. É

importante frisar que a seca (do ano de 1958) foi também o “fator motivador” das primeiras iniciativas para a criação da Sudene.

A Sudene foi apontada como o grande marco de mudança na estrutura produtiva nordestina, uma vez que, a partir de então, a região do gado-algodão passava a sofrer significativas transformações na sua base técnica de produção.

Andrade criticava o modelo de desenvolvimento concentrador de renda e explorador que historicamente marcou o Nordeste. Ele defendia um modelo de desenvolvimento que levasse em conta as especificidades regionais, promovendo a justiça social e garantindo a sustentabilidade ambiental. Assim, Manuel Correa de Andrade destacava a importância do planejamento regional como instrumento para a superação das desigualdades e a promoção de um desenvolvimento mais equilibrado. Ele analisa as políticas de desenvolvimento regional, como a SUDENE, e seus impactos no Nordeste, apontando seus limites e potencialidades.

O autor reconhecia a importância da atuação do Estado na promoção do desenvolvimento regional e na implementação de políticas públicas que visassem à redução das desigualdades. Ele defendia a necessidade de investimentos em infraestrutura, educação, saúde e reforma agrária como pilares para o desenvolvimento do Nordeste.

Manuel Correia de Andrade deixou um legado significativo e duradouro para a Geografia, desafiando a visão tradicional do Nordeste e abrindo caminho para uma compreensão mais crítica e complexa da região. Enfatizava a importância da história na compreensão das dinâmicas do Nordeste. Para tanto, buscou entender como as estruturas do passado refletem no presente, perpassando os períodos colonial, a crise do sistema colonial, a industrialização e o planejamento regional como marcos importantes na formação da região.

Dentre suas inúmeras contribuições para a Geografia, podemos citar:

a) A desconstrução da visão homogênea do Nordeste que até então prevalecia, revelando um Nordeste múltiplo, diverso e com dinâmicas socioespaciais complexas. Andrade demonstrou que a região não era um bloco uniforme, mas sim um mosaico de sub-regiões com características distintas, como a Zona da Mata, o Agreste e o Sertão.

b) A análise crítica das relações de trabalho no campo. Andrade focou nas relações de produção e de trabalho no espaço agrário nordestino, adotando uma perspectiva dialética e crítica. Ele denunciou as desigualdades sociais, a exploração da mão de obra e a concentração fundiária na região.

c) A ênfase na questão agrária. Andrade dedicou grande parte de sua obra à análise da questão agrária no Brasil, especialmente no Nordeste. Ele defendia a reforma agrária como instrumento de justiça social e desenvolvimento regional.

d) O pioneirismo na geografia crítica brasileira. Andrade foi um dos precursores da geografia crítica no Brasil, incorporando elementos do marxismo em suas análises e buscando compreender as relações de poder que moldavam o espaço geográfico.

e) A valorização do conhecimento local e da identidade regional. Andrade reconhecia a importância do saber popular na compreensão da dinâmica regional e as especificidades que reforçam as identidades regionais.

f) O diálogo interdisciplinar. Andrade transitava com fluidez entre a geografia, a história, a sociologia e a economia. Ele defendia a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para a compreensão da complexidade social.

Mesmo após décadas de suas publicações, as obras de Manuel Correia de Andrade continuam extremamente relevantes no contexto atual, servindo como base para a compreensão das dinâmicas socioeconômicas e territoriais do Brasil e do Nordeste, em particular.

Diversos estudos contemporâneos, publicados em diferentes meios digitais ou impressos, citam suas obras e se baseiam em seus conceitos, uma vez que as temáticas levantadas por Andrade, como a concentração fundiária, os conflitos no campo, as relações de poder, a territorialidade e a necessidade de desenvolvimento regional, permanecem centrais e inspiram novas pesquisas.

É de notória importância as obras de Andrade para a compreensão da questão agrária no Brasil, especialmente no Nordeste. Sua defesa da reforma agrária e sua crítica ao modelo de desenvolvimento concentrador de renda continuam a ecoar em debates contemporâneos. O pioneirismo de Andrade na análise das relações de trabalho no campo, seu estudo aprofundado

da vida no engenho, da exploração da mão de obra e das desigualdades sociais no Nordeste rural fornecem um panorama histórico essencial para a compreensão da estrutura agrária.

A modernização da agricultura, a expansão do agronegócio, a intensificação da exploração mineral e a implementação de grandes projetos de infraestrutura geram intensos conflitos no campo, envolvendo comunidades tradicionais, grupos empresariais, poder público. Esses processos geram expropriação de terras, desalojamento de comunidades tradicionais e impactos socioambientais. As análises de Manuel Correia de Andrade sobre as relações de poder e as disputas territoriais no Nordeste fornecem ferramentas importantes para a compreensão desses conflitos em nossos dias.

Andrade reconhece a importância dos fatores naturais na configuração do Nordeste, mas destaca a ação humana como elemento central na transformação da paisagem. Ele examina como a exploração dos recursos naturais, o desmatamento e as formas de produção agrícola moldaram o espaço regional.

Para Manuel Correia, “o homem está sempre presente, transformando a paisagem”; desafiando as condições naturais e também degradando a natureza, ao tentar capacitá-la para atender às suas necessidades (ANDRADE, 1970, p. 106).

Andrade desafiou a visão de um Nordeste uniforme, revelando a diversidade interna da região e a existência de “Nordestes”, com especificidades socioeconômicas e ambientais próprias. Diante de um processo crescente de diferenciação territorial no Nordeste a concepção de Andrade sobre o Nordeste como uma “região de contraste” ganha nova capilaridade, como destacado por Bacelar (1997) na percepção de “Nordestes”, desempenhando papel central na análise das transformações em andamento. Isso ocorre à medida que vislumbramos uma complexificação do espaço regional nordestino mediante o processo de heterogeneização desta região e a modernização dos seus meios de produção, refletindo na emergência de subespaços dinâmicos.

Ao estudar a questão territorial no Nordeste, buscava esclarecimentos históricos e geográficos para compreender as relações socioeconômicas que dinamizaram a sua produção

espacial. Andrade defendia um modelo de desenvolvimento que levasse em consideração as especificidades regionais.

A necessidade de políticas públicas que promovam o desenvolvimento regional urge, em um contexto de crise ambiental e intensificação das desigualdades. As análises críticas e profundas de Andrade desconstruíram visões homogêneas e simplistas e permanece fundamental para a análise das transformações em curso. Como supramencionado a importância de sua análise sobre as relações de poder, a estrutura fundiária e as desigualdades sociais no Nordeste, atestam sua referência fundamental para a compreensão da região.

A obra de Manuel Correia de Andrade sobre o Nordeste e a Questão Regional (1993), longe de perder relevância, se torna ainda mais importante no contexto da globalização. Suas abordagens sobre as dinâmicas socioeconômicas, as relações de poder e as desigualdades no Nordeste fornecem uma base sólida para a compreensão dos desafios e das oportunidades que a região enfrenta em um mundo cada vez mais interconectado.

Com uma vasta produção voltada para o conhecimento da região, Andrade sempre esteve articulando o local com o global - nacional e internacional, o que só ratifica a afirmação de que suas obras continuam sendo amplamente citadas, evidenciando sua relevância para a compreensão das transformações em curso na região.

Em seus trabalhos, Andrade analisou as implicações da globalização para o Nordeste, apontando os desafios e as oportunidades que a região enfrenta em um mundo cada vez mais interconectado.

As análises de Andrade sobre a concentração fundiária, a exploração da mão de obra, a dependência de monoculturas e as disputas territoriais no Nordeste, se mostram cruciais para a compreensão desses processos em um contexto globalizado, uma vez que com a globalização intensificaram-se as disparidades regionais e os conflitos por recursos naturais.

Em seu trabalho "O Nordeste e a Questão Regional" (1993), Andrade, analisou as implicações da globalização para o Nordeste, demonstrando a capacidade de sua obra de se adaptar e dialogar com as novas realidades. Isto só revela que a globalização não reduziu a importância da identidade regional, com o processo de formação do Nordeste estudado ao longo

de suas obras que valorizam a cultura e a história do Nordeste, além de contribuir para a construção de uma identidade crítica e consciente dos desafios enfrentados pela região em um mundo globalizado.

As análises de Andrade sobre as raízes históricas e as estruturas de poder que perpetuam essas desigualdades são essenciais para a formulação de políticas públicas que visem à redução das disparidades regionais. A questão regional, marcada pelas disparidades socioeconômicas entre o Nordeste e outras regiões do Brasil, deixa de ser um tema central no debate nacional.

(...) as desigualdades regionais tal como se concebiam nos anos 70, por exemplo, perdem seu significado a partir do momento em que a referência sócio-territorial superior, o Estado-nação, se funde num conjunto maior. As desigualdades entre regiões se medem não entre regiões vizinhas e integrantes do mesmo território nacional, mas numa trama espacial internacional (NICOLAS, 1998).

Manuel Correa de Andrade reconhecia a importância da identidade regional e da cultura nordestina, e se posicionava criticamente em relação às visões romantizadas e folclorizadas do Nordeste, buscando desconstruir estereótipos e apresentar uma visão mais complexa e realista da região. Andrade reconhecia a riqueza e a importância da cultura nordestina, destacando suas manifestações populares, sua história e suas tradições. Sua obra contribui para a construção de uma identidade nordestina crítica e consciente dos desafios enfrentados pela região.

Andrade destacava a necessidade de integrar o Nordeste ao desenvolvimento nacional, assim, analisava o Nordeste, destacando as relações inter-regionais e as disparidades entre o Nordeste e outras regiões do país, examinava como os processos históricos e as políticas nacionais influenciavam o desenvolvimento da região.

A articulação entre as dinâmicas locais e as políticas nacionais continuam sendo um desafio para a superação da questão regional em um contexto global. A globalização, com sua ênfase na competitividade e na lógica de mercado, aprofunda as disparidades regionais. Assim, as ideias de Andrade sobre a necessidade de um planejamento que leve em conta as especificidades e as potencialidades regionais se mostram cada vez mais relevantes.

Neste contexto, as obras de Manuel Correia de Andrade se mantêm como referência fundamental para a Geografia Econômica e para o debate sobre a questão regional do Nordeste no contexto atual. Seus estudos sobre os ciclos econômicos, as relações de trabalho, as

desigualdades sociais, a importância do planejamento regional e a necessidade de um desenvolvimento sustentável fornecem ferramentas analíticas e subsídios para a compreensão dos desafios e das potencialidades da região.

Andrade defendia a importância do planejamento regional para a superação das desigualdades e a promoção de um desenvolvimento sustentável. Em um contexto de intensificação das disparidades regionais e de crise ambiental, a busca por alternativas de desenvolvimento que levem em conta as especificidades regionais se torna ainda mais urgente, ecoando as preocupações de Andrade.

Em seus estudos geográficos Manuel Correa de Andrade relacionava questões ligadas ao planejamento no Brasil que podem ser evidenciadas em: “Espaço, polarização e desenvolvimento”; “Geografia, região e desenvolvimento” e “Aceleração e freios ao desenvolvimento brasileiro”, bem como, “Geografia econômica” de 1973 em que explicita elementos de sua abordagem indissociável entre a Geografia, História, Economia e Ciência Política.

Diante disto, as obras de Manuel Correia de Andrade continuam a exercer uma forte influência na Geografia Econômica e no debate sobre a questão regional do Nordeste nos dias de hoje. Sua análise crítica das relações de produção, da estrutura fundiária, dos ciclos econômicos e das desigualdades sociais se mostram cruciais para a compreensão das dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

Diante do exposto, podemos afirmar que Andrade utilizava uma abordagem interdisciplinar em suas análises, combinando elementos da Geografia, História, Economia, Sociologia e Antropologia. Em seus escritos Manuel Correa de Andrade valorizava a pesquisa empírica e o trabalho de campo como base para suas análises. Ele se dedicou a um profundo estudo das realidades locais, buscando compreender as dinâmicas socioespaciais a partir da observação direta e do contato com as populações.

Dos pensadores brasileiros ele destacava Joaquim Nabuco, o abolicionista e seu conterrâneo; Euclides da Cunha, que no começo do século XX descobriu as contradições entre Litoral e Sertão; Manoel Bomfim que alertava para os aspectos negativos da colonização, cujos colonos classificavam de “parasitas”; Oliveira Viana com sua interpretação aristocrática da formação brasileira, adepto da teoria da superioridade racial; Gilberto Freyre, mostrando a formação da sociedade brasileira patriarcal, da família e das relações entre senhor e escravos em Casa Grande e Senzala; Caio Prado Júnior com a problemática da terra; Nelson Werneck Sodré com a formação histórica militar; Josué de Castro com estudos sobre a fome, também pernambucano; ele lembrava ainda os mais contemporâneos como Celso Furtado, Orlando Valverde, geógrafo e alguns franceses como Pierre Monbeig e Elisée Reclus, que organizou uma coletânea. Todos esses outros pensadores deram-lhe grande contribuição à sua formação cultural e política. (CRUZ, S.A., p.4)

Manuel Correia de Andrade dedicou sua vida a entender a geografia humana, a história e as relações de poder no Nordeste brasileiro. Em seu trabalho intelectual, podemos citar, dentre tantos: A pecuária no agreste pernambucano (1961); Geografia do Brasil: região Nordeste (1962); A guerra dos Cabanos (1965); Espaço, polarização e desenvolvimento: a teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina (1967); Nordeste, espaço e tempo (1970); O processo de ocupação do espaço regional do Nordeste (1975); O planejamento regional e o problema agrário no Brasil (1976); Latifúndio e reforma agrária no Brasil (1980); Capital e industrialização do Nordeste (1981); Classes sociais e agricultura no Nordeste (1985). Sua obra mais conhecida é A terra e o homem no Nordeste que foi publicada em 1963 e completou 64 anos em 2024, mantém-se como um marco importante ao examinarmos o cenário das disputas territoriais da região Nordeste, sendo é um pilar na área de estudos regionais brasileiros, o que ratifica sua inclusão em listagens dos maiores livros do século XX.

As Principais Temáticas Abordadas nas Obras de Manuel Correia de Andrade se dedicam a uma vasta gama de temas interligados, com foco principal na compreensão das dinâmicas socioeconômicas, históricas e territoriais do Nordeste brasileiro.

A produção científica de Andrade auxilia, assim, em uma melhor compreensão da análise geográfica e histórica das problemáticas sociais do Nordeste, permitindo uma perspectiva múltipla sobre as questões que envolvem a expansão do capital e suas implicações territoriais no Brasil.

Desta forma, as obras de Manuel Correia de Andrade se constituem em um legado fundamental para a compreensão do Nordeste brasileiro. Sua análise crítica, profunda e

abrangente das dinâmicas socioeconômicas, territoriais e culturais da região continua a inspirar pesquisadores, movimentos sociais e formuladores de políticas públicas na busca de compreensão e superação dos desafios enfrentados pelo Nordeste e o país como um todo.

Em suma, as obras de Manuel Correia de Andrade fornecem um arcabouço teórico sólido e uma base fundamental para a análise crítica das relações de poder, das desigualdades sociais e a necessidade de planejamento regional. Ressaltamos o compromisso social de Andrade, que sempre buscou dar voz aos trabalhadores e lutar por um Nordeste mais justo. Esse legado de engajamento e a busca pelo desenvolvimento regional beneficia a população e inspira a atuação de movimentos sociais, educadores, pesquisadores e gestores.

UM PENSADOR COMPROMETIDO COM A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E COM A SUSTENTABILIDADE

Dentre mais de trezentos e cinquenta publicações, envolvendo livros e artigos, com estudos e debates sobre temas variados – Brasil, América Latina, relações entre Brasil e África e a chamada globalização etc., – a centralidade da Geografia em seu pensamento é notória, mas também as inúmeras contribuições para outras áreas do conhecimento, como História e Economia.

Se suas principais preocupações com o Nordeste estão atreladas, dentre outros aspectos, à influência da abordagem regional de Vidal de La Blache, não se pode limitar a sua reflexão a uma visão apenas descritiva e interpretativa, alusões inclusive muitas vezes equivocadas quando menciona o cunho regionalista de autores influenciados por essa abordagem. O regional encontra o histórico-crítico em Manuel Correia de Andrade.

Isso se deve em parte, também, pelo encontro intelectual com inúmeros autores que buscavam analisar os problemas estruturais brasileiros, como Caio Prado Júnior, Josué de Castro e Nelson Werneck Sodré, além de pensadores que fizeram parte de sua formação, como Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Manoel Bonfim, Elisée Reclus, Rosa Luxemburgo, Trotski e Lenin, como salienta Marino (2014).

A partir de tais bases, argumenta-se que o autor desenvolve uma obra extremamente comprometida com a transformação social por alguns aspectos, os quais se menciona, em destaque, a partir das análises deste trabalho:

a) a necessidade de diversas reformas agrárias, segundo o autor, uma vez que as necessidades dos trabalhadores rurais não seriam homogêneas e não deveriam ser associadas apenas ao acesso à terra;

b) a superação das disparidades regionais estaria atrelada à superação do subdesenvolvimento;

c) a sustentabilidade como parte de seu pensamento, uma vez que em inúmeros momentos abordou preocupações com questões ambientais - como percebe-se diretamente explicitado pelo autor em Andrade (1993), por exemplo.

Sobre esse último aspecto, o autor aglutina suas demais reflexões às problemáticas ambientais por alguns motivos centrais.

Ao catalogar os problemas ambientais brasileiros em quatro grandes processos destrutivos – a destruição da vegetação natural, a degradação das águas, a destruição dos solos e a degradação do homem –, vincula-os ao processo de povoamento e ocupação do território desde o período colonial, aos processos produtivos nas regiões brasileiras – evidenciando a degradação em cada uma delas aos processos desigualizadores –, à concentração de terras e às tecnologias insustentáveis as quais “preocupam-se com os lucros imediatos e esquecem as consequências futuras” (Andrade, 1993, p. 115).

Interessante reconhecer que tais problemáticas estão intimamente associadas à indissociabilidade homem-natureza para o autor, coerente com sua trajetória intelectual, evidenciado pela quarta degradação mencionada, a degradação do próprio homem.

O Brasil é habitado, em grande parte, por uma população doente, pobre, analfabeta e sem perspectivas de futuro, fazendo com que uma nova forma de poluição, a miséria, se torne um flagelo, talvez o maior problema nacional. A pobreza e a má alimentação levam ao definhamento do homem, à sua pouca capacidade de reação às doenças, ao raquitismo, à fome crônica, tão denunciada pelo geógrafo e médico Josué de Castro, à preguiça, à desmoralização e à incapacitação para o estudo e o trabalho. Qualquer programa de melhoramento da qualidade de vida no país e de procura de uma modernidade sincera, deveria iniciar-se por uma política de distribuição de renda e de atendimento social à população. Política que deveria ser desenvolvida pelo Estado, com controle da economia e

vocação para o social. Mas, uma política deste tipo, procurando estender a cidadania à população, dificilmente pode ser aplicada no Brasil, país com uma tradição secular de dominação de muitos por poucos. E estes poucos têm o controle da economia e do poder. (Andrade, 1993, p. 115).

Diante de tais problemáticas, o autor estabelece uma crítica contundente ao Estado, evidenciando a negligência com os povos, com o ambiente, além do economicismo inerente às políticas públicas. A preocupação com carência de estratégias voltadas à educação ambiental também é notória em seu pensamento, como por exemplo, quando defende a necessidade de articulação de diferentes sujeitos para a conscientização e defesa do patrimônio ecológico.

Os recursos devem ser explorados respeitando os direitos dos povos que habitam as áreas onde se encontram e os interesses das populações futuras, utilizando métodos e técnicas que evitem destruição da natureza e, conseqüentemente, o empobrecimento da sociedade. Mas, ao lado da ação do Poder Público, é necessária uma conscientização da população porque ela tanto pode incentivar como sabotar uma política racional. O Estado e a sociedade devem estar engajados nos mesmos princípios e objetivos; o patrimônio ecológico é de ambos e ambos devem se conscientizar da necessidade de defendê-lo quando grupos econômicos e políticos, visando o atendimento de interesses imediatos, se propuserem a fazer uma exploração irracional e uma degradação criminosa. A manutenção de um meio ambiente sadio é um dever da sociedade, uma obrigação do povo e do Estado. (Andrade, 1993, p. 118).

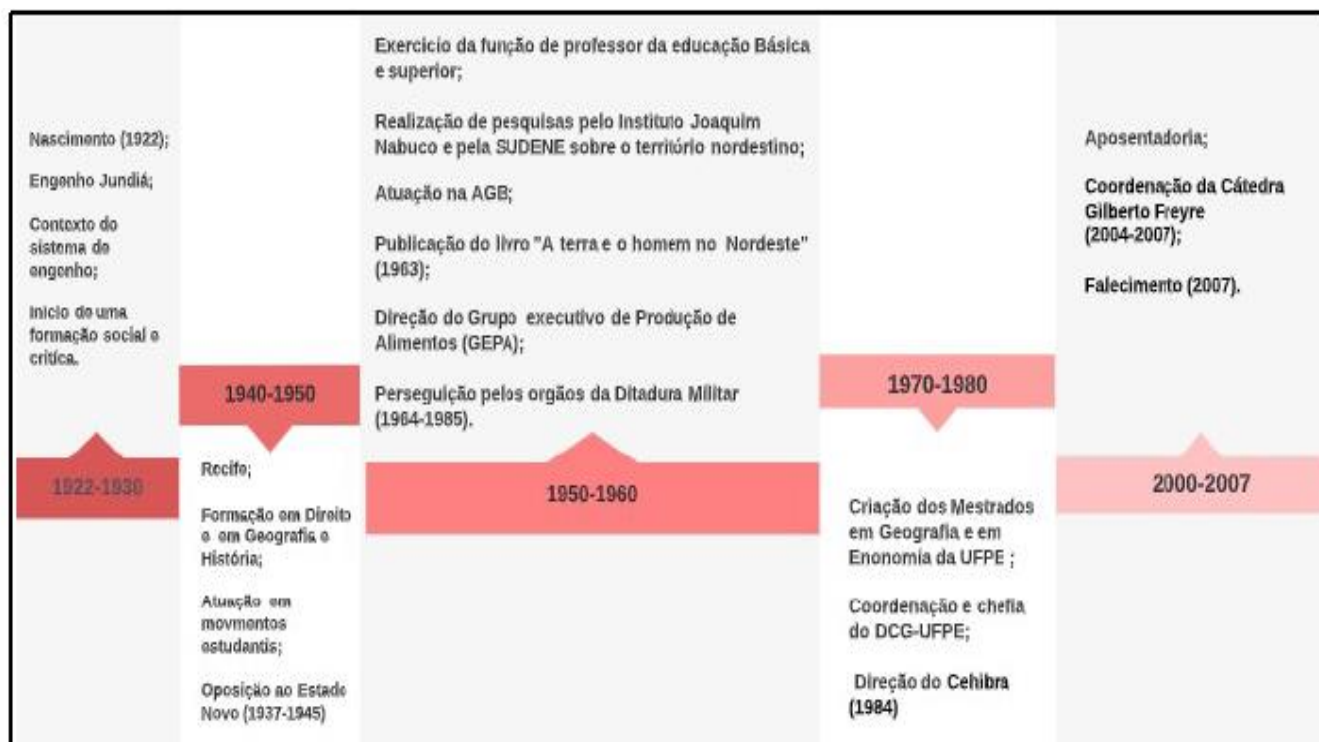
Segundo Evangelista (2010, p.98), a questão ambiental em Manuel Correia de Andrade era muito mais que um enfoque ou recurso. Torna-se impossível pensar uma situação econômica ou social sem estar “a par do quadro natural no qual a população está inserida e muito particularmente em que termos se dá esta relação”. Sendo o meio ambiente um “nervo básico do fato social”, segundo o autor, Manuel Correia de Andrade teceu esse fio epistemológico não determinista em um sentido político voltado à perspectiva a qual superasse a ideia de ambiente como recurso – o que era bastante caro às perspectivas economicistas atreladas às políticas públicas as quais Manuel Correia de Andrade criticou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória política, institucional e intelectual de Manuel Correia de Andrade, sintetizada no quadro abaixo, produzido por Gomes e Rocha (2022), faz com que afirmemos que suas

experiências pessoais e profissionais se entrecruzam na consolidação de uma abordagem geográfica que articula os estudos regionais a processos geopolíticos em outras escalas, assim como articula tais aspectos ao entendimento dos processos de dominação territorial e de ampliação de desigualdades no Brasil e do Brasil em relação ao mundo.

Imagem 1. A trajetória política, institucional e intelectual de Manuel Correia de Andrade



Fonte: Rocha; Gomes, 2022, p.135)

A análise de conflitos e desigualdades, no entendimento da concentração fundiária e dos processos produtivos abusivos aos trabalhadores e degradantes em relação ao homem e ao ambiente, sobretudo ao analisar o Nordeste em sua multidimensionalidade, faz com que afirmemos que Manuel Correia de Andrade é um intelectual que deve ser lembrado e estudado constantemente para que possamos pensar constantemente uma Geografia socialmente comprometida com o entendimento da complexidade da realidade e compromissada com o combate à desigualdade e à promoção da justiça social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. 1 a ed. São Paulo: Brasiliense: 1963.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Espaço, polarização e desenvolvimento**: a teoria dos pólos de desenvolvimento e a realidade nordestina. Recife: Centro Reg. Ad, Municipal, 1967. 150p
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Paisagens e problemas do Brasil** (Aspectos da vida rural brasileira frente à industrialização e ao crescimento econômico). 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Classes sociais e agricultura no Nordeste**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1985. 105p. (Estudos e Pesquisas n. 39)
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica do Nordeste**: o espaço e a economia nordestina. São Paulo: Atlas, 4ª. Edição, 1987. 177p.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Homem e natureza**: por uma política de meio ambiente para o Brasil. Caderno Prudentino de Geografia, n.15, 1993.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.
- BACELAR, Tânia. **Herança de diferenciação e futuro de fragmentação**. São Paulo. Estudos Avançados, v. 11, n. 29, p. 7-36, 1997.
- CRUZ, Dalcy da Silva. **Memórias de um Geógrafo**: Manuel Correia De Andrade – O CantodoNordeste.<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT14/MEMORIAS%20%5B1%5D.pdf>.
- EVANGELISTA, Helio de Araujo. **Manuel Correia de Andrade e a perspectiva ambiental no seu pensamento econômico**. Economia política do desenvolvimento. Maceió, v. III, Edição especial, p. 91-101, ago. 2010.
- ROCHA, Gerlane Gomes da; GOMES, Rodrigo Dutra. **Entre o geopolítico e o regional**: o pensamento geográfico de Manuel Correia de Andrade. Revista Mutirão, v. III, n. 2, 2022.

MARINO, Leonardo F. **Manuel Correia de Andrade**: um geógrafo voltado para as causas sociais. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, vol.1, Editora & Letras, p.101-118, 2014.

NICOLAS, Daniel Hiernaux. **Notas conceituais**: as concepções espaço-temporais In: Território Globalização e Fragmentação. 5º ed. São Paulo: Hucitec – Anpur, 1998.